

DAS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL AO AUDIOVISUAL PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA: relato de experiência¹

*DAS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL AO AUDIOVISUAL PARA A
PRIMEIRA INFÂNCIA: relato de experiência*

*DE LAS INUNDACIONES EN RIO GRANDE DO SUL AL AUDIOVISUAL PARA
LA PRIMERA INFANCIA: relato de experiencia*

Juliana Tonin ²

tonin.ju@gmail.com

Jhonatan Mata ³

jhonatan.mata@ufjf.br

Sara de Moraes ⁴

sarademoraes@gmail.com

Caio Ferreira ⁵

caioffss84@gmail.com

¹ Este relato analítico constitui uma versão do estudo apresentado no GT Processos Comunicacionais, Infâncias e Juventudes, durante o 34º Encontro Anual da Compós, realizado na UFPR, Curitiba, em junho de 2024.

² Pesquisadora, Professora e Escritora. Autora da Comunicologia Doltoniana, membro da Rede Recria (Rede de Pesquisas em Comunicação, Infâncias e Adolescências, da RNPI (Rede Nacional Primeira Infância) e Repi-RS (Rede Estadual Primeira Infância do Rio Grande do Sul). Doutora em Comunicação com Pós-doutorado em Sociologia da Infância (Paris V - Sorbonne)

³ Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF), Coordenador do Grupo de Pesquisa Sinestelas (CNPq) e dos Programas de Treinamento Profissional Música para Olhos & Ouvidos e Pró-Polis. Doutor em Comunicação Ecopós-Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Blanquerna School Barcelona.

⁴ Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF) / Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve (Ciac - UAlg), membro do Grupo de Pesquisa Sinestelas (CNPq). Bolsista Fapemig,

⁵ Doutorando em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF), membro do Grupo de Pesquisa Sinestelas (CNPq). Bolsista FAPEMIG.

RESUMO

Este relato de experiência objetiva compartilhar as percepções e práticas suscitadas pelas enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul em relação à Primeira Infância. O texto articula uma visão macro (o que foi identificado nos territórios) e micro (o que se conseguiu fazer): o vídeo Palavras e imagens que dão medo, produzido como resposta emergencial para dialogar com crianças sobre o desastre. As reflexões tomam como referência a comunicologia doltoniana para compreender os desafios comunicacionais identificados. A experiência revelou questões e paradoxos relacionados à produção audiovisual voltada à Primeira Infância, que impulsionaram a criação da série Me Explica! (As Perguntas, As Mentiras e As Telas), lançada em 2025 como iniciativa de educação midiática. Os resultados indicam a necessidade de qualificar a produção audiovisual dirigida às crianças, apontando para a constituição de um campo de investigação voltado às relações entre audiovisualidade e Primeira Infância.

Palavras-chave: Desastres. Primeira Infância. Comunicologia Doltoniana. Audiovisual. Enchentes no RS.

ABSTRACT

This experience report aims to share the perceptions and practices prompted by the 2024 floods in Rio Grande do Sul regarding Early Childhood. The text articulates a macro perspective (what was identified in the affected territories) and a micro perspective (what was possible to do): the video Palavras e imagens que dão medo (Words and Images That Frighten), produced as an emergency response to engage children in dialogue about the disaster. The reflections take Doltonian communicology as a reference to understand the communication challenges identified. The experience revealed issues and paradoxes related to audiovisual production aimed at Early Childhood, which led to the creation of the series Me Explica! (As Perguntas, As Mentiras and As Telas), launched in 2025 as a media literacy initiative. The results indicate the need to improve audiovisual production addressed to children, pointing to the emergence of a field of research focused on the relationship between audiovisuality and Early Childhood.

Key words: Disasters. Early Childhood. Doltonian Communication. Audiovisual. Floods in Rio Grande do Sul.

RESUMEN

Este relato de experiencia tiene como objetivo compartir las percepciones y prácticas suscitadas por las inundaciones de 2024 en Rio Grande do Sul en relación con la Primera Infancia. El texto articula una perspectiva macro (lo que se identificó en los territorios) y micro (lo que fue posible realizar): el video **Palabras e imágenes que dan miedo**, producido como una respuesta de emergencia para dialogar con niños y niñas sobre el desastre. Las reflexiones toman como referencia la comunicología doltoniana para comprender los desafíos comunicacionales identificados. La experiencia reveló cuestiones y paradojas relacionadas con la producción audiovisual dirigida a la Primera Infancia, que impulsaron la creación de la serie **¡Explícame! (Las Preguntas, Las Mentiras y Las Pantallas)**, lanzada en 2025 como una iniciativa de educación mediática. Los resultados indican la necesidad de cualificar la producción audiovisual destinada a la infancia, señalando la constitución de un campo de investigación orientado a las relaciones entre audiovisualidad y Primera Infancia.

Palabras clave: Desastres. Primera Infancia. Comunicología doltoniana. Producción audiovisual. Inundaciones en Rio Grande do Sul.

1 INTRODUÇÃO

Os olhos do mundo estavam no Rio Grande do Sul em maio de 2024. Uma enchente sem precedentes superou marcas deixadas pelas águas de 1941. Foram 478 municípios afetados, de um total de 497 que compõem a região. Mais de 2 milhões de pessoas atingidas, 806 feridos, 27 desaparecidos, 183 óbitos confirmados nesta catástrofe climática.

A partir da união de esforços de diversas redes, a Rede Estadual Primeira Infância do Rio Grande do Sul (Repi-RS), a Rede Nacional Primeira Infância (RNPI), a Rede de Pesquisas em Comunicação, Infâncias e Adolescências (Recria), a ANDI, o PIM (Primeira Infância Melhor), a ComCrianças e o Sinestelas, diversas ações foram desenvolvidas para apoiar as infâncias gaúchas. O objetivo deste texto é relatar essa experiência, compartilhando-a a partir de uma visão macro (o que identificamos) e também pontual (o que pudemos fazer), com enfoque no audiovisual *Palavras e imagens que dão medo*, produzido às pressas com base na comunicologia doltoniana. Esta abordagem é desenvolvida pela pesquisadora Tonin (2024), que toma as interações cotidianas entre adultos e crianças como fenômenos comunicacionais centrais, inspirada nas obras de Françoise Dolto e Catherine Dolto. A proposta deste relato de experiência é contribuir com o campo da Comunicação pela ênfase nas interações com crianças, especialmente de 0 a 6 anos de idade.

2 DESASTRES

Débora Noal, que atua pela Força Nacional do SUS com equipes no manejo de desastres há mais de 30 anos, revela que, nessas situações, um dos principais desafios é o de lidar com o efeito “reinvenção da roda”. Muito antes do uso da expressão “crise climática”, um dos propulsores da intensificação das ocorrências de desastres climáticos, o Brasil emitiu um documento considerado o primeiro a advertir que o território era suscetível a esses eventos. Trata-se da Carta Constitucional de 1824, que solicitava recursos a Portugal para promover estratégias e estruturas de resposta, sinalizando que o Brasil teria uma série de áreas de risco (Noal, 2021). Mas foi somente em 1942, com o

histórico incêndio da boate *Coconut Grove*, que a Psicologia passou a se debruçar também sobre o que fazer. Nesse sentido histórico de progressiva atenção aos desastres, Noal (2021) aponta que o discurso midiático ainda atua de forma desfavorável nessa condução, por dois motivos: primeiro porque a mídia o noticia como uma “surpresa”, algo que evoca o imaginário de um “Brasil abençoado por Deus e bonito por natureza”, mas esses eventos não são inesperados. Outro problema é tratar do tema com conhecimentos datados de 1945, uma limitação que não seria apenas temporal, mas conceitual, uma vez que os estudos são voltados a veteranos de guerra, generalizando tal conhecimento para todos os tipos de desastres e populações. Ou seja, disseminam equívocos. Por isso, aponta a especialista, é um desserviço quando há reverberações como: “todos estão traumatizados”, “todos estão sofrendo de estresse pós-traumático” ou mesmo alardes como “precisamos que psicólogos e psiquiatras venham de todos os lugares”, pois os desastres ou emergências de grande porte têm características e perfis de atuação específicos. Os eventos podem ser classificados em intensivos (terremotos, ciclones, deslizamentos, inundações); epidemias ou pandemias (Ebola, Covid-19, H1N1, meningite); violências intensivas (refugiados/deslocados, áreas de conflitos, violência urbana, violência sexual); insegurança alimentar e fome; rompimento de barragem; incêndios. São acontecimentos que envolvem uma ruptura abrupta da rotina e um grande número de vítimas. No Brasil, o desastre intensivo que contabiliza o maior número de atingidos é o de inundações (Noal, 2021).

Em 1972, a inundação de *Buffalo Creek* por rompimento de barragem, semelhante ao ocorrido nas cidades mineiras de Mariana e Brumadinho, motivou a análise dos impactos à comunidade, não mais centrada no sobrevivente e seus familiares. Mas o desconhecimento dessa produção fez com que se testemunhasse falta de preparo e de formação em nível de graduação, um grande despreparo que prejudica a gestão de crises, riscos e desastres em todas as áreas. Isso colabora para a sensação coletiva de que cada desastre é uma novidade e que se deve começar a aprender tudo a partir dali. Ainda em 1999, a ONU criou a Estratégia Internacional para Redução de Desastres (EIRD/UNISDR), que indica os marcos internacionais para orientar ações de prevenção, preparação e resposta. Já o Comitê Permanente Interagências (IASC) publicou em 2007 um guia de atenção psicossocial utilizado como base até hoje. Em dezembro de 2024, a

Defesa Civil lançou o Plano Nacional da Defesa Civil (2024-2034), para atuar em cenários de curto, médio e longo prazo a partir dos cinco eixos: prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação.

Todo esse cenário atravessou os dias em que a enchente ameaçava engolir o Rio Grande do Sul. Ainda que a enchente de 1941 tenha sido considerada de grandes proporções, até ali parecia uma lenda contada por avôs e avós. A de 2024 superou suas marcas em nível de água, devido a um conjunto de fatores que partem desde quantidades excessivas de chuva, com efeito cumulativo, até a falta de manutenção em diques e casas de bomba, com efeito desastroso. Os sentimentos eram de pânico, perplexidade, incredulidade, impulsionadores da vontade obsessiva de ajudar. Numa união de redes de pessoas preocupadas com crianças e adolescentes, que estavam desde o epicentro até as extremidades opostas ao desastre, focamos em tudo o que poderia evocar Primeira Infância e Comunicação.

3 PRIMEIRA INFÂNCIA E COMUNICAÇÃO

Desde a Constituição Federal de 1988, o Brasil garante, no artigo 227, que crianças e adolescentes devem ser considerados sujeitos de prioridade absoluta. O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) consolidou seus direitos fundamentais. Em 2010, a Rede Nacional Primeira Infância, em parceria com a ANDI e com a aprovação do CONANDA, lançou o *Plano Nacional pela Primeira Infância*, um documento técnico e político cujo objetivo é “mudar a situação estrutural e as condições de vida e desenvolvimento de milhões de crianças brasileiras” (2020, p. 10).

Em 2016, influenciado por essas diretrizes, o Brasil instituiu o Marco Legal da Primeira Infância, com o propósito de promover políticas públicas voltadas ao desenvolvimento integral das crianças dessa faixa etária. Em 2024, como parte das ações previstas no Marco Legal, foi criada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança, que define sete eixos prioritários de atenção para crianças de 0 a 9 anos, com especial ênfase nos primeiros anos de vida. Em agosto de 2025, o decreto nº 12.574 instituiu o PNPI (Política Nacional Integrada para a Primeira Infância), conectando as esferas federal, estadual e municipal para ações coordenadas em prol dos direitos e do

desenvolvimento das pessoas dessa faixa etária. Essa política estabelece cinco eixos de atuação: 1) viver com direitos; 2) viver com educação; 3) viver com saúde; 4) viver com dignidade; e, com destaque, 5) integração de informações e comunicação com as famílias.

São 37 anos de uma história que articula pessoas e instituições para promover atenção, cuidado e direitos para as crianças desde a concepção. Ainda que a Comunicação seja percebida pelas políticas a partir de uma perspectiva sobretudo instrumental e informacional, ela é considerada essencial e citada no Marco Legal (2016): “Art. 4º, IX - promover a formação da cultura de proteção e promoção da criança, com apoio dos meios de comunicação”. Mas a Comunicação, enquanto campo no Brasil, especialmente a partir do surgimento até os 50 anos da pós-graduação (1970-2020), possui lacunas consideráveis quanto ao interesse por pesquisas e práticas direcionadas para crianças com menos de 6 anos. A pesquisa *Comunicação e Infância* evidenciou a ausência de estudos voltados para bebês até 2020, bem como a escassez de investigações direcionadas para crianças com idades de 0 a 6 anos, preteridas em prol de faixas etárias maiores. Falta justificada pela suposta complexidade metodológica, que acabou gerando por derivação um critério etário implícito, pairando como pré-requisito: o da necessidade de aquisição das competências de fala, leitura e escrita para suprir “caprichos” de formatos tradicionais de instrumentos de pesquisa hegemonicamente adultocêntricos. Destaca-se, por tudo isso, a crescente atenção e relevância da Primeira Infância no cenário nacional e a dívida histórica produzida no campo da Comunicação relativa a essa população. Assim, iniciativas voltadas a essa fase da vida representam um passo inaugural significativo e, de certa forma, também uma reparação. O objetivo desse relato analítico é contribuir com o campo ao expor reflexões, questionamentos e aprendizados que emergiram com o vídeo *Palavras e imagens que dão medo*, estimulando os saberes sobre Comunicação e Primeira Infância.

4 O QUE IDENTIFICAMOS?

Caso fosse preciso definir apenas um grande gerador das necessidades observadas naquele contexto em relação às crianças da Primeira Infância, talvez se pudesse apontar: a falta de espaço. Espaço num sentido físico, do corpo e do ambiente, e simbólico, da

espacialidade da existência e do diálogo com o ser. Podemos considerar que sua ausência seria a repercussão daquilo que habita no submundo das relações humanas: a ausência do olhar que reconhece e valida a existência.

Isso pôde ser testemunhado de diversas formas.

1. Abrigos com bebês paralisados em colchões e sem brinquedos;
2. Crianças que já caminhavam eram, por vezes, contidas. Entre as tentativas de adaptação emergencial, circularam pedidos de andadores, recurso que, embora pareça auxiliar, não é recomendado pelas principais diretrizes de saúde para o desenvolvimento integral;
3. Enxurradas de mensagens de crianças, nas redes sociais digitais, sobretudo em grupos de *WhatsApp*, com imagens das crianças sob a tarja “Perdida”, “Desaparecido”. Essas publicações, movidas pelo desespero, acabavam por gerar uma nova camada de desordem: a disseminação de imagens inadequadas e estigmatizantes, que expunham as crianças ao risco e feriam o direito à privacidade, ao esquecimento digital e ao melhor interesse da criança. A confusão se dava pela inexistência de um local centralizado para receber, identificar, reunir essas crianças, possibilitando consulta e acesso de seus responsáveis;
4. Nos abrigos, especialmente entre os voluntários, houve considerável produção de vídeos e fotografias, tanto para compartilhar o cotidiano, fazer algum pedido, quanto para registrar a própria colaboração. Contudo, eram imagens que não passavam por assentimentos ou consentimentos, expondo os ambientes, as condições e as próprias crianças, ampliando ainda mais os riscos;
5. Falta de espaço para a palavra, ou, mais precisamente, sua interdição: choviam aconselhamentos para “não falar com as crianças”. Eram mensagens vindas de pessoas diversas, muitas bem-intencionadas, que disseminavam recomendações vagas, apoiadas em um imaginário generalizado de psicologia. Esses discursos acabavam por difundir uma espécie de fantasma discursivo, defensor do silêncio como forma de evitar a “reedição do trauma”. Ora, já aprendemos, pela própria Débora Noal, referência na área de Psicologia e Desastres, que a noção de trauma, sobretudo quando generalizada e aplicada de

maneira automática nas primeiras horas de um desastre, é distorcida. O silêncio, nesses casos, não protege: prolonga a desorganização.

No fim, o que se viu foi uma carência multinível, filha legítima do caos, sobretudo expressa na falta de espaço físico, simbólico e relacional, oriunda de entendimentos já esclerosados sobre a criança da Primeira Infância: sua invisibilidade; a crença de que se move desordenadamente; de que não é capaz de compreender o que vive; e de que todas estariam imediatamente traumatizadas.

5 O QUE FIZEMOS?

Trabalhamos em todas essas frentes, acionando atores e redes conforme a demanda. De forma global, compartilhamos que houve o incentivo ao brincar e à reorganização dos espaços nos abrigos, destinados aos bebês, em parceria entre a Repi-RS, a Secretaria de Saúde do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e a Unesco. Essa parceria revelou algo inédito: a Unesco não havia trabalhado especificamente com o público dos bebês em situações de desastres, tampouco possuía materiais orientadores para essa faixa etária. A ação resultou na publicação do Manual *Promoção do desenvolvimento integral na Primeira Infância: organização de espaços seguros no contexto de desastres climáticos*.

A Promotoria de Justiça da Infância e Adolescência e a Defensoria Pública foram acionadas para auxiliar a conter a disseminação de imagens de crianças nas redes. Foi organizado um espaço centralizado para o encaminhamento das crianças desacompanhadas, com disponibilização de canais ativos de contato e consulta de dados para seus responsáveis. Nesse processo, promoveu-se uma mudança linguística essencial: a substituição do termo “perdidas” por “desacompanhadas”. Essa mudança, reverberada em força-tarefa entre as lideranças envolvidas no manejo do desastre, rapidamente contribuiu para a resolução do problema. Houve orientação e fixação de cartazes nos abrigos, informando sobre a proibição de produção e divulgação de fotos e vídeos.

Destacam-se as orientações emergenciais para a cobertura jornalística, voltadas aos profissionais de comunicação, com recomendações sobre terminologias adequadas e diretrizes para entrevistas e o uso ético de imagens de crianças e adolescentes. Diversos desses materiais orientadores foram disseminados em maio de 2024 e podem ser consultados pelo Instagram da Rede Recria (@rederecria).

Todas essas medidas foram implementadas às pressas, como respostas éticas e comunicacionais ao abrupto vivido, e demonstraram que, embora exista uma história de sucessivos conhecimentos acerca de desastres e de produção de guias, além de experiências acumuladas por equipes de Saúde, Educação e Assistência, muitos manejos comunicacionais ainda estão na fase de “invenção da roda”, sobretudo quando se trata de Primeira Infância e das peculiaridades do contexto digital.

Dentre todas as urgências, assumimos a necessidade de produzir um recurso de palavras orientadoras dirigidas às próprias crianças, que também auxiliasse os adultos a dialogar com elas sobre o que estavam vivendo. Naquele mesmo período, a pesquisa que orientou o livro: *Comunicação com crianças, princípios de uma comunicologia doltoniana* (Tonin 2024), estava em fase final de sistematização e evidenciava o oposto do fantasma discursivo disseminado: as crianças precisavam de palavras, informação, diálogo.

Entre os materiais analisados na pesquisa havia o livro infantil escrito por Catherine Dolto e Colline Faure-Poirée, *Les mots et les images qui font peur*, voltado para a Primeira Infância e com o tema: viver situações extremas. O livro, escrito a partir de experiências com o terrorismo, pareceu imediatamente adequado para abordar também situações de enchentes.

FIGURA 1 – Capa do livro *Les mots et les images qui font peur*



FONTE: Acervo pessoal de Juliana Tonin

A pesquisadora promoveu a tradução e adaptação do conteúdo do livro e produziu, em parceria com o Grupo Sinestelas (UFJF), uma versão em vídeo, o *Palavras e Imagens que dão medo*, com finalidade educativa. Publicado via Instagram, em colaboração com a Rede Recria, o PIM (Primeira Infância Melhor) e a RNPI (Rede Nacional Primeira Infância), o vídeo rapidamente alcançou mais de 7.000 visualizações.

Seu conteúdo e formato geraram um impacto positivo nos territórios, especialmente entre gestores da Saúde e da Educação Infantil. Foi surpreendente perceber que essas palavras eram necessárias para os próprios adultos. De modo geral, a insegurança para conversar com as crianças sobre o que vivem e a recorrência da indicação do silêncio, revelam dinâmicas geracionais marcadas pela menor circulação da palavra na infância. Nessas situações, livros e vídeos destinados à Primeira Infância tornam-se, muitas vezes, os “primeiros socorros” para quem cuida delas.

Com a publicação dos resultados da pesquisa no livro *Comunicação com crianças, princípios de uma comunicologia doltoniana* (Tonin 2024), a autora propõe princípios ampliadores da compreensão sobre os diálogos com crianças, que, segundo ela, têm um caráter midiático intrínseco. Sua premissa é a de que, nas interações cotidianas, adultos ocupam papéis de grandes mídias frente às crianças (Tonin, 2024, p. 102). Além disso,

sua principal evidência destaca a ideia de que a gênese da desinformação pode estar enraizada na Primeira Infância, nas interações cotidianas entre adultos e crianças. Até então, a desinformação era percebida apenas como um fenômeno das mídias, especialmente da internet, mas, segundo Tonin (2024), trata-se de um produto de interações humanas aprendido desde cedo.

A experiência de produção do vídeo *Palavras e imagens que dão medo* durou menos de uma semana, em função da urgência na distribuição, mas evidenciou elementos importantes para a criação de conteúdos audiovisuais para essa faixa etária. Ele respondeu a uma urgência e tornou visível um campo conceitual em gestação: a comunicologia doltoniana, que começava a delinear, para a Comunicação, o universo das interações com as crianças.

6 COMUNICOLOGIA DOLTONIANA EM NARRATIVA

A comunicologia doltoniana parte da análise das interações cotidianas entre adultos e crianças, em conexão com os fundamentos da obra de Françoise Dolto (primeira pediatra e psicanalista francesa) e de sua filha Catherine Dolto (médica, socióloga e haptionoterapeuta). Entre 1976 e 1978, quando Françoise Dolto protagonizou um programa na radio France Inter, no qual respondia a dúvidas de pais, mães e responsáveis por crianças, Catherine, sua filha, recebia, lia, selecionava e categorizava as perguntas que chegavam por meio de cartas.

Françoise Dolto desenvolveu uma teoria psicanalítica própria, publicou mais de 30 livros em diversos países, foi pioneira ao desafiar concepções sobre a criança na década de 1930, ousando propor que o bebê deve ser visto como sujeito e não como um "tubo digestivo" (Tonin, 2024).

Conforme Tonin (2024), ao estudar a obra de Françoise Dolto, foi possível perceber que, antes de ser pediatra e psicanalista, ela foi, em certo sentido, uma comunicóloga. Nunca se apresentou como tal, mas a pesquisa revelou sua grande preocupação ligada ao ato de comunicar. A partir disso, Tonin identificou três pilares fundamentais na dinâmica comunicacional de Françoise, nomeados de tríade matricial

das interações: 1) o olhar, 2) o escutar e 3) o dirigir palavras para as crianças (Tonin, 2024).

Catherine Dolto seguiu o legado da mãe e, desde a década de 1980, publica a coleção *Mine de Rien* pela Gallimard Jeunesse. Já produziu 93 livros dirigidos à Primeira Infância, com o lema "quando compreendemos melhor, crescemos melhor" (Tonin, 2024). Sua obra está em processo de tradução, com a primeira vinda da autora prevista para 2026. O foco principal de seus livros reside na dimensão das **palavras dirigidas** com uma proposta singular para abordar diversos assuntos com as crianças.

As características da narrativa doltoniana são compostas por quatro pontos fundamentais (Tonin, 2024, pp. 156-175):

1. **Voz:** a importância de encadear as palavras e emitir de forma gentil, terna, afetiva, desencadeando uma amabilidade;
2. **Didatismo:** afirmações claras e precisas, evocando a ordem das coisas com intenção de ordenar as coisas, para uma tranquila sucessão e acomodação de informações;
3. **Técnicas de reportagem:** a) pauta tema de interesse de forma abrangente e atemporal; b) título curto e forte; c) narrador onipresente; d) mescla de discurso direto e indireto pela contribuição de fontes; e) apresentação de pontos de vista diferentes; f) ausência de culpabilização e vitimização, com tom informacional;
4. **Ideias-força doltonianas:** a) visão de hierarquia familiar; b) superação da dicotomia entre bem e mal; c) consciência da desorientação informacional.

Os relatos de Catherine Dolto sobre a produção dos livros da *Mine de Rien* revelam um cuidado e atenção minuciosos na definição das palavras, mas também das imagens: sempre imagens ternas. Existe, assim, um tom de voz que se funde com o tom das imagens nos livros.

7 AUDIOVISUAL PARA AS INFÂNCIAS

Apesar de sua linguagem próxima do cinema, a televisão surgiu como extensão do rádio (Jost, 2007). Por isso, programas de auditório, inclusive infantis, dominaram a TV por décadas, intercalando brincadeiras e desenhos. Silva (2011) identificou iniciativas informativas no mundo, como o Newsround (BBC, 1972). No Brasil, destacaram-se Vila Sésamo e o Globinho, que chegou a produzir jornalismo infantojuvenil mesmo em plena ditadura (Moraes; Vieira Filho; Mata, 2023).

Nos anos 1980, a MTV ampliou a experimentação estética do videoclipe (Machado, 2001), introduzindo temas antes considerados tabu entre adolescentes (Mata, 2019). Com o Marco Legal da Primeira Infância (Lei nº 13.257/2016), que busca proteger crianças de violência e pressão consumista, a oferta de conteúdo infantojuvenil na TV aberta começou a minguar, dependente de anunciantes e sem visão de longo prazo, restando principalmente às TVs públicas (TV Extraordinária, 2021).

No cenário digital, essa migração acelerou uma lógica transmidiática: sintetizar, impactar e disputar atenção tornou-se regra (Mata, 2019). Como observa Scolari (2013), consumidores e produtores passaram a cocriar ambientes imersivos, nos quais qualquer elemento, de posts a vídeos, animações ou games, pode operar como recurso narrativo. As crianças passaram também a produzir conteúdo, sendo vistas não mais como audiência futura, mas como potenciais *influencers* (Tomaz, 2019).

Essa efervescência cresce num ambiente com pouca regulamentação. A Sociedade Brasileira de Pediatria recomenda evitar telas antes dos dois anos. Somam-se riscos como uso indevido de imagens infantis, inclusive com IA, violação de dados e pedofilia digital. Em agosto de 2025, o vídeo do influenciador Felca foi um estopim que impulsionou forte movimento que culminou na aprovação do PL 2.628 (Lei nº 15.211/2025, ECA Digital).

Ao produzir o vídeo *Palavras e imagens que dão medo*, nos deparamos com todas essas questões e com a necessidade de pensar na experiência de crianças de 0 a 6 anos, para as quais a narrativa doltoniana estava direcionada, ainda que por meio de telas.

8 PALAVRAS E IMAGENS QUE DÃO MEDO: FAZER PENSANTE EM CASCATAS

Neste relato voltamos ao instante de produção, o cerne do desastre climático no RS, para lançar sobre o vídeo inaugural o olhar estruturante que somente se consolidou depois. Por esse caráter germinal, *Palavras e Imagens que dão Medo*, e tudo o que dele se desdobrou, permitiram assumir, com Morin, um sentido profundo para a noção de desastre, conectada ao termo catástrofe, que evoca um espírito de big-bang: um Acontecimento seguido de uma cascata de acontecimentos, processo que traz em si o paradoxo entre destruição e gênese (MORIN, 2003).

O vídeo possibilitou explorar a comunicologia doltoniana no texto, som, imagem e ritmo, elementos que, juntos, compõem uma dramaturgia própria para a Primeira Infância. Esse percurso evidenciou a urgência de produzir audiovisuais qualificadas para crianças de 0 a 6 anos e o potencial dessas narrativas para mitigar desinformação desde os primeiros anos de vida.

São 4'22" de produção sustentada pela narrativa doltoniana, o que permite adotar alguns de seus norteadores como “nomes de batismo” para sinalizar pontos de reflexão daquele contexto, articulados à noção de paratexto da AMA (Análise da Materialidade Audiovisual), de Coutinho (2016). O material é tomado como texto em relação ao que o gera, incluindo peritexto (o que antecede a obra) e epitexto (o que circula fora dela).

Listamos três pontos-chave correspondentes ao momento de sua produção: a) a voz; b) o didatismo; c) as imagens do livro para o vídeo. Esses parâmetros permitem compreender a iniciativa de mobilização e interpretar alguns de seus sentidos e direções.

a) A voz: a força da suavidade

Levando-se em conta que, em situações extremas, uma estratégia assertiva de comunicação pode se alicerçar no extremo oposto: um discurso de amabilidade e acolhimento, a questão da voz é elemento-chave e basilar da composição do vídeo. Noal (2021), a partir de sua atuação em desastres em diversos países, afirma que, embora existam guias e protocolos para várias fases, há um momento universal que exige o mesmo manejo em qualquer contexto: as primeiras 24 a 72 horas após o desastre.

Segundo ela, nesse intervalo inicial não são necessários diagnósticos, prescrições ou o aparato técnico que profissionais (especialmente psicólogos) tendem a supor que precisam mobilizar na hora. Independentemente de classe, raça/etnia, cultura, língua ou gênero, o que todas as pessoas precisam nesse momento é de humanidade em sua forma mais acolhedora. A qualidade do gesto (resgatar, oferecer um cobertor, entregar alimento, água ou possibilitar um banho), produz efeitos profundos: reintegra dignidade, reorganiza subjetividades e ancora a experiência naquele instante como uma primeira fonte de humanidade diante da catástrofe. Esses gestos iniciais reverberam por meses e podem atuar preventivamente sobre desdobramentos futuros de sofrimento mental.

Essa compreensão dialoga diretamente com as recomendações reiteradas por Françoise Dolto sobre a necessidade de se falar com gentileza, de forma terna, independentemente do conteúdo a ser informado. Em sua obra e arquivos sonoros, é possível perceber o quanto seu tom, e o de sua filha Catherine, produzem um efeito balsâmico, a ponto de a própria Françoise ter sido considerada detentora de uma “veemência mensageira”, pela capacidade singular de comunicar com objetividade, simplicidade e doçura ao mesmo tempo.

No *Palavras e imagens que dão medo*, a narradora Sara de Moraes assumiu a tarefa de ser essa voz. Sua busca por um tom adequado partiu tanto de seu conhecimento e experiência em locução, quanto das mobilizações subjetivas despertadas pelo texto doltoniano e pelo contexto de catástrofe. Na experiência de circulação do vídeo, diversos retornos foram recebidos em grupos de WhatsApp, mensagens privadas, conversas posteriores, com elogios, agradecimentos e relatos de emoção. Um aspecto, contudo, destacou-se pela recorrência: a voz. O elogio à voz era unânime, como se, por meio dela, chegasse um “colo” necessário naquele momento. No vídeo, Moraes “conversa” com seu público como se dialogasse com seu próprio filho sob a sombra de uma árvore. Por meio da amabilidade de uma emissão gentil, sua voz encadeia palavras que, para além da importante tarefa de informar, tentam desonerar as crianças de dúvidas e, principalmente, do sentimento de culpa de toda a sorte. Uma espécie de contraponto à comunicação violenta (imageticamente inclusive) de parte das produções do próprio jornalismo audiovisual na cobertura da tragédia no RS ou de videografias amadoras que circulam na

web a respeito da pauta. A experiência com o primeiro vídeo consolidou a centralidade da voz.

b) Didatismo: informar sem subestimar o público

Na narrativa doltoniana, toda a potência cognitiva de bebês e crianças como sujeitos deve ser reconhecida. Considerando olhos e ouvidos atentos e toda uma possível sinestesia presente nesse processo de decodificação das situações extremas e seus ecos, as produções operam com a valorização de pontos de vista, contextos e conceitos.

No campo das práticas cotidianas, é comum observar a ideia de que determinados assuntos só devem ser abordados “se a criança perguntar”. No entanto, na perspectiva doltoniana, compreende-se que o papel do adulto envolve oferecer informações claras e acolhedoras, considerando a experiência da criança na situação e não apenas sua capacidade de formular perguntas. Esse gesto, o de nomear, contextualizar e orientar, não implica inversão de papéis, nem aproxima o adulto de um lugar de amizade ou confiança. Trata-se de assumir a responsabilidade adulta de comunicar com precisão, ternura e respeito à inteligência da criança.

O texto do vídeo opera justamente nessa direção: organiza o ponto de vista, oferece palavras que situam a experiência, abrindo a narrativa ao afirmar que compreender é uma necessidade humana, também na Primeira Infância:

Às vezes vivemos situações graves, que causam medo em todas as pessoas, adultos e crianças.
Nesses momentos, todos precisam se sentir em segurança!
Mesmo quando somos pequenos, temos necessidade de compreender o que se passa ao nosso redor,
para poder pensar como todos.
Para pensar, precisamos de palavras.

A partir daí, uma tranquila acomodação de informações vai se descortinando, sensível à qualidade e quantidade do que se deseja ensinar e aprender/apreender, nominando situações e comportamentos e considerando os pontos de vista de crianças e adultos. Há um movimento de reconhecer a desordem de pensamentos e sentimentos a que crianças e adultos estão sujeitos. Respeitando uma cadência, há uma tentativa honesta e não inocente (no sentido de não intencional) de aproximar angústias adultas e infantis, ainda que cada qual com suas especificidades.

Quando os adultos que nos cuidam estão preocupados ou inquietos, nós sentimos.

Mesmo se eles não nos dizem nada.

Mais ainda, nós escutamos o que eles falam entre eles, vemos imagens ou passamos por momentos que nos perturbam.

Temos grande necessidade que nos expliquem o que está acontecendo.

Às vezes, esquecemos de falar com as crianças!

Os adultos dizem frequentemente que não explicam às crianças porque isso as protege, evita que se assustem. Mas, ao contrário, quando somos pequenos sentimos necessidade de fazer muitas perguntas, e de que elas sejam respondidas. Sentimos necessidade de explicação dirigida a nós, mesmo quando nem fazemos perguntas, ainda bebês!

Desencadeia-se, assim, uma evocação à ordem das coisas. No vídeo, essa ordem é nucleada pelo tema da vivência de situações extremas: organiza a experiência, oferece uma estrutura mínima, quase como um pequeno manual do que e como informar as crianças. Dá voz à necessidade de compreensão, uma carência humana urgente, ao mesmo tempo em que produz um efeito de tranquilização, abrindo um caminho possível para seguir adiante, rumo ao que pode fazer bem.

Felizmente, os adultos cuidam das crianças!

Famílias, professores, cuidadores, médicos, psicólogos... é a prioridade deles.

Temos lugares onde podemos nos sentir seguros.

Na cidade, muitas pessoas trabalham para nos proteger: policiais, militares, bombeiros.

Saber que eles trabalham para nos cuidar, ajuda a sentir menos medo!

É assegurador saber onde estamos, quem está nos acompanhando, quem virá nos buscar, quando, para quê, o que podemos fazer nos momentos livres e com quem.

Esses níveis narrativos, nomeação da situação, apresentação dos pontos de vista do adulto e da criança, organização da experiência (com dicas indiretas de como e o que informar), e orientação para uma hierarquia das responsabilidades rumo a um desfecho possível e positivo, constituem alguns dos elementos centrais da narrativa doltoniana, ilustrados aqui pela dimensão do didatismo.

c) Imagem do livro ao vídeo

Na adaptação, ou criação, de um formato audiovisual, o maior desafio se deu especialmente em relação às imagens. Um dos aspectos mais destacados ao longo da produção foi a necessidade de identificar e caracterizar o que, de fato, seriam audiovisuais voltados para a Primeira Infância, com foco na narrativa doltoniana, diferenciando-os daqueles destinados ao público de 6 a 12 anos ou, até mesmo, de 13 a 17 anos, por exemplo. Essa diferenciação é clara? A partir de quais fundamentos? Quais imagens seriam mais adequadas? Quais cenas? Literais ou simbólicas? Qual é o ritmo ideal? Em cada livrinho doltoniano consta uma média de 11 ilustrações, insuficientes para gerar um vídeo. Então, quantas teriam de ser?

As próprias questões já se configuraram como pontos-chave para reflexões. Não havia uma necessidade de obtenção de certezas, mas abertura para a experimentação. As decisões no contexto da produção foram orientadas pelas premissas doltonianas gerais: poucas e ternas imagens. Todas elas movidas pela necessidade de: 1) ausência de culpabilização (evitando vilanizar ou gerar medo); 2) conferir um ritmo mais cadenciado e menos frenético; 3) operar com uma linguagem visual mais poética do que literal, ainda que combinada com cenas cotidianas para gerar identificação. Tudo isso em diálogo com o arco didático da própria narrativa.

Além disso, foi evidenciada uma facilidade para localizar imagens que ofereciam estereotipia em relação às crianças e as questões oriundas da Sociologia da Infância facilitaram a compreensão. Percebemos que grande número de imagens de crianças, mesmo na faixa etária entre 0 e 6 anos, já aponta para contextos de aprendizagem, de escola ou com móveis e objetos que evocam esse universo. Buscamos alternativas para minimizar os imaginários sobre a criança restritos a esse ponto. Uma das principais questões da sociologia da infância, vertente francesa, é sua origem no descolamento da sociologia da educação e na busca por uma visão integral da criança, sem reduzi-la a um ser definido e institucionalizado pelo ato de aprender (Sirota, 2006).

A aparição (e ocultamento) de rostos é algo sintomático. Pairava a preocupação com os usos de imagens de crianças, por vezes duplamente violentadas (pelas tragédias e pela exposição midiática indevida) em outros espaços, e recorremos a bancos de imagens gratuitos, a fim de preservar esse recorte etário e também compor a narrativa com uma

estética adequada. Disso, surgiu outro sintoma expressivo: a constatação de repositórios de imagens com perfis europeizados, termo que utilizamos para sintetizar a percepção de que privilegiam padrões estéticos e culturais ligados à população branca, não refletindo a pluralidade social, cultural, econômica, geográfica, étnica e racial do país. Os diálogos imagéticos com a diversidade, sobretudo de infâncias, e suas fenotípias no Brasil ficaram restritos. Testemunhamos um agravamento dessa percepção quando realizamos a Série *Me explica!* ao constatar que, mesmo em banco de imagem pago, esse achatamento da diversidade e o contexto escolar para crianças, se repete.

Outro ponto de atenção foi que a Primeira Infância é composta de micro faixas. Uma pessoa gestada difere de uma recém-nascida; os primeiros dois anos trazem experiências distintas das vividas por crianças de quatro, cinco ou seis anos. Coordenar imagens que contemplassem essas fases evidenciou o quanto o recorte “Primeira Infância” é amplo.

Por fim, nenhuma das imagens escolhidas para um vídeo que tratava de catástrofe foi catastrófica. Não se narrou com palavras que dão medo, tampouco imagens. Imagens sugestivas, mais simbólicas do que explícitas, num ritmo mais lento de transição foram recursos para tentar oferecer alguma acomodação para a atenção, tensionada pela agitação externa. Elas se vincularam em pares complementares ao texto, sem imagens literais sobre situações extremas. A intenção, mais do que produzir, aprender, pesquisar ou investir em audiovisual para a Primeira Infância, era simplesmente pingar 4’22” de colírio nos milhares de olhinhos “enchentados”.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como evitar que uma audiovisualidade, ao abordar uma catástrofe ambiental, se converta ela própria em outra catástrofe mediada por telas, em looping? Neste relato de experiência, que toma como referência o vídeo *Palavras e imagens que dão medo*, precursor da série *Me Explica!*, os aprendizados se traduziram em perguntas: como produzir diversidade diante das limitações dos bancos de imagens? Como fazer uma série educativa competir com oligopólios midiáticos e produtores que acumulam milhares de views com estéticas e éticas duvidosas? Como fazer ecoar a voz da suavidade entre tantos gritos, digitais, domésticos, simbólicos? E, sobretudo, como qualificar a produção

audiovisual para a Primeira Infância? Das lacunas históricas, o pouco interesse acadêmico pela comunicação com crianças de 0 a 6 anos e o enfraquecimento da programação infantil na TV aberta após a proibição de publicidade para essa faixa etária, emergem novas lacunas: a falta de representatividade nos repositórios de imagens, a persistência de visualidades que vilanizam personagens ou situações de maneira simplista, a necessidade de compreender a complexidade que envolve a proibição dos smartphones, muitas vezes reduzidos ao papel de novo “Darth Vader” contemporâneo. Mapeamentos mais amplos sobre riscos e potenciais dos dispositivos e, sobretudo, sobre quem os opera, são essenciais para contemplar a experiência dos bem pequenos e dos adultos que cuidam deles, em casa ou na escola.

Por outro lado, voltamos desse percurso com a noção revigorada da grande necessidade de priorizar uma comunicação qualificada com e para a Primeira Infância em todas as suas fases e a partir de todas as suas capacidades, condições e contextos. Voz, didatismo, imagens são elementos que convergem do modelo de narrativa doltoniana a partir do qual experimentamos os vídeos. Apenas na França, os números de vendas da coleção dos livrinhos atingem uma média expressiva de 1.500 a 2.000 exemplares vendidos por semana. Parece que há, lá, uma familiaridade cultural com o estilo de abordagem, suave, direta e didática, voltada para os pequenos, considerados sujeitos, ainda a ser descoberta em larga escala no Brasil. É evidente a necessidade de atenção sobre as diferenças culturais entre França e Brasil para se pensar nessa abordagem; contudo, a própria escritora da coleção, Catherine Dolto, compreende que os temas definidos são universais ou próximos disso na experiência infantil. Ainda que a coleção também integre temas que surgem a partir da ideia de evolução dos contextos, como, por exemplo, o da migração da era analógica para a digital.

Ademais, em contextos de desastre, é crucial reconhecer que as prioridades costumam se concentrar nos adultos e na reconstrução material, ilhando crianças, sobretudo as da Primeira Infância, apesar de serem, no Brasil, o único sujeito de direitos com prioridade absoluta garantida constitucionalmente. Não dispomos de guias ou manuais que articulem comunicação, infâncias e adolescências de modo a ultrapassar o olhar estritamente jornalístico, organizacional ou psicológico. À luz do que vivemos e testemunhamos nas enchentes do RS, torna-se evidente: é preciso (re)inventar essa roda.

Embora ainda não haja pesquisa de recepção com crianças, a circulação imediata dos vídeos entre adultos, visualizações, comentários e retornos vindos de redes, profissionais, famílias e amigos, oferece pistas para continuar apostando em audiovisuais para a Primeira Infância. Na crença ampliada de que “quando compreendemos melhor, crescemos melhor”, inclusive nas pesquisas.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do Telejornalismo: a Narrativa da Informação em Rede e nas Emissoras de Televisão de Juiz de Fora - MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo, 05 a 09/09/2016

FILLOL, Joana; PEREIRA, Sara. Crianças, jovens e notícias: uma revisão sistemática da literatura a partir da Communication Abstracts. **Comunicação E Sociedade**, 37, 147-168, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.17231/comsoc.37\(2020\).2429](https://doi.org/10.17231/comsoc.37(2020).2429). Acesso em 02 Mai 2024.

JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada à sério**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001

MATA, Jhonatan. **O amador no audiovisual: conteúdos gerados por cidadãos comuns**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019

MATA, Jhonatan; CÂNDIDO, Gabriel. Tudo o que a antena captar: a TV cantada nas músicas do movimento BRock 80. Anais do XLIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – virtual, 04 a 09/10/2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-mc/jhonatan-mata.pdf> Acesso em: 18 Jun. 2024

MORAES, Sara de; VIEIRA FILHO, Maurício João; MATA, Jhonatan; Telejornalismo Infantojuvenil em Tempos de Ditadura no Brasil: Reconhecimento, (In)Visibilidade e Pedagogização no Globinho. Anais do XIV Encontro Nacional de História da Mídia. Niterói, 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/15N45TbFypV_Ls0vxPw-kc0IOVHN4IISj/view. Acesso em 02 Mai 2024.

MORIN, Edgar. **O Método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

NOAL, Débora. Psicologia dos Desastres e Emergências. YouTube. 05 Out. 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sKh1PFdgXnc>. Acesso em 02 Mai 2024.

REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA (RNPI); ANDI Comunicação e Direitos: **Plano Nacional Primeira Infância: 2010 - 2022 | 2020 - 2030** /. 2ª ed.. Brasília: RNPI/ANDI, 2020

SCOLARI, Carlos. **Narrativas transmedia: cuando todos los medios cuentan**. Madrid:Deusdo, 2013.

SILVA, Leopoldo Nogueira. **Telejornais e crianças no Brasil: a ponta do iceberg**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Paraná.

SIROTA, Régine. **Éléments pour une sociologie de l'enfance**. Paris: Presses Universitaires de Rennes, 2006.

SOARES, Thiago. **A Estética do Videoclipe**. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

TOMAZ, Renata. **O que você vai ser antes de crescer? youtubers, infância e celebridade**. Salvador: Editora da UFBA, 2019.

TONIN, Juliana. **Comunicação com crianças: princípios de uma comunicologia doltoniana**. Porto Alegre: AGE, 2024.

TONIN, J; MACHADO, A.. [Infância na Pesquisa em Comunicação no Brasil](#). In: **Revista Memorare**, Dossiê narrativas e imagens da infância. Tubarão: Unisul, 2023.

TONIN, J; MARTINS, G; SEHAPARINI, I; FRIZZO, G. Zero telas para bebês: ficção científica? In: GUEDES, B; VITORINO, I. **Crianças, adolescentes e jovens: riscos e oportunidades na cultura digital**. Fortaleza: Pimenta Cultural, 2024.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1983.

TV EXTRAORDINÁRIA. **A Época de Ouro dos Programas Infantis | DOCUMENTO TV | T2:E4**. YouTube. 10 de mai. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXQqFDUypRM&t=377s> . Acesso em 04 Abr 2023.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Algés: DIFEL, 1999.

Original recebido em: 27 novembro 2025

Aceito para publicação em: 31 de maio de 2026

Juliana Tonin

Pesquisadora, Professora e Escritora. Comunicóloga, Doutora em Comunicação com Pós-doutorado em Sociologia da Infância - Paris V Sorbonne (2017). Mais de 20 anos de atuação em pesquisa e formação acadêmicas. Autora da comunicologia doltoniana, proposta de qualificação das interações humanas desde a primeira infância. Publicou diversos livros e pesquisas, dentre eles Comunicação com Crianças: princípios de uma comunicologia doltoniana (AGE, 2024). Membro da rede internacional Recria (Rede de Pesquisas em Comunicação, Infâncias e Adolescências), RNPI (Rede Nacional Primeira Infância) e Repi-RS (Rede Estadual Primeira Infância do Rio Grande do Sul).

Jhonatan Mata

Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação PPGCom UFJF, doutor em Comunicação Ecopós UFRJ/Blanquerna School Barcelona/Jornalista e Mestre em Comunicação UFJF. Coordenador do Grupo de Pesquisa Sinestelas (CNPq).

Sara de Moraes

Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF) / Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve (Ciac - UAlg), membro do Grupo de Pesquisa Sinestelas (CNPq). Bolsista Fapemig,

Caio Ferreira

Doutorando em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF), membro do Grupo de Pesquisa Sinestelas (CNPq). Bolsista FAPEMIG.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional